1768-1836

Arcadismo



Arcadismo

Contexto histórico:

- **1a. Revolução Industrial**
- **Iluminismo**
- **Enciplopedismo**
- **Valorização da ciência**

Europa: intenso racionalismo



Arcadismo

Contexto histórico:



Ciclo do ouro (MG)

Surgimento de um sistema literário brasileiro

Brasil

Arcadismo

Características:



Mímesis (imitação):

- Dos clássicos (mitologia);
- Da natureza (racionalismo).



Fugere urbem

(fugir das cidades).

Arcadismo

Características:



Locus amoenus

(lugar ameno):

Bucolismo e pastoralismo.



Aurea mediocritas

(mediania de ouro).

Arcadismo

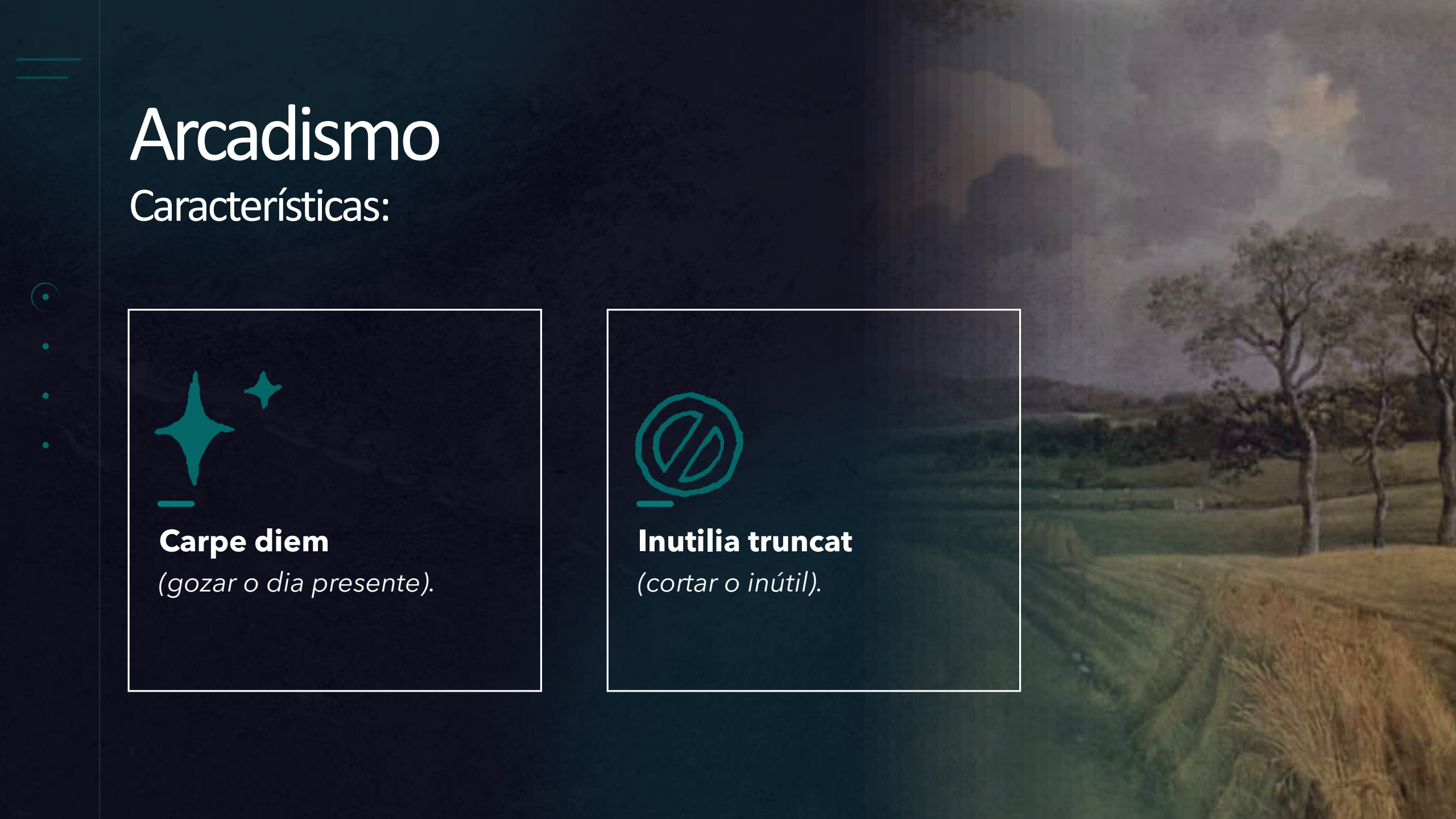
Características:

Carpe diem

(gozar o dia presente).

Inutilia truncat

(cortar o inútil).



Arcadismo

Características:

Predomínio da ordem direta da frase

SVO

Sujeito → Verbo → Objeto



Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

Poesia satírico-política



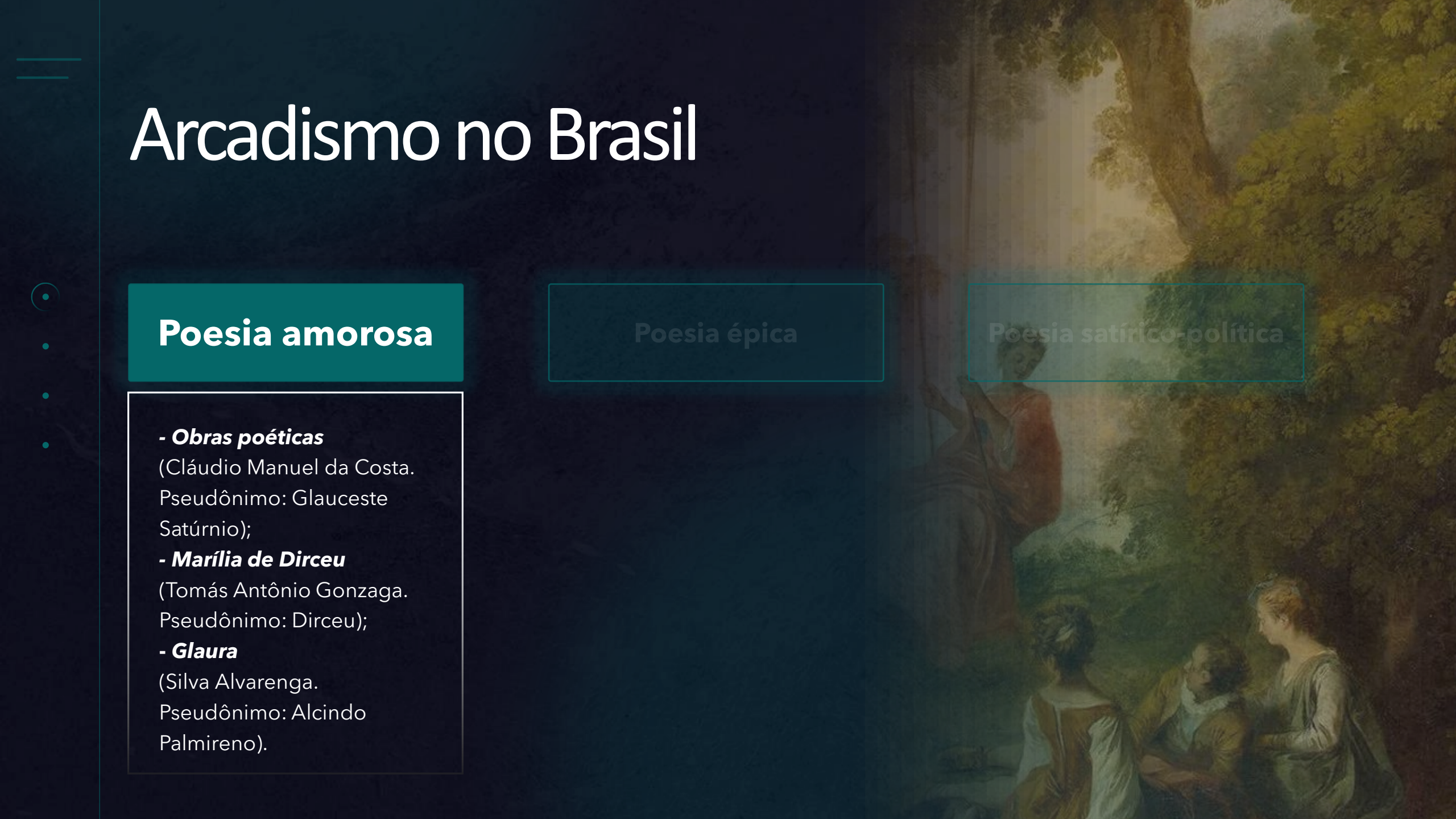
Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

Poesia satírico-política

- Obras poéticas
(Cláudio Manuel da Costa. Pseudônimo: Glauceste Satúrnio);
- Marília de Dirceu
(Tomás Antônio Gonzaga. Pseudônimo: Dirceu);
- Glaura
(Silva Alvarenga. Pseudônimo: Alcindo Palmireno).



Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

- ***O Uraguai*** (Basílio da Gama. Pseudônimo: Termindo Sipílio);
- ***Caramuru*** (Frei Santa Rita Durão).

Poesia satírico-política



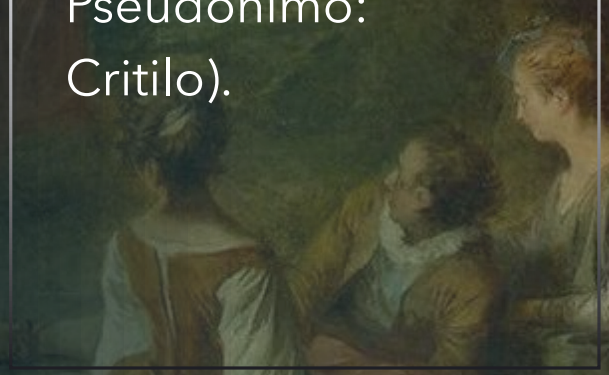
Arcadismo no Brasil

Poesia amorosa

Poesia épica

Poesia satírico-política

- Cartas chilenas
(Tomás Antônio Gonzaga. Pseudônimo: Critilo).



POESIA AMOROSA | PASTORIL

Cláudio Manuel da Costa

Pseudônimo: Glauceste Satúrnio

Introduziu o Arcadismo no Brasil com uma poesia de transição (sonetos)



POESIA AMOROSA | PASTORIL

Cláudio Manuel da Costa

Pseud.: Glauceste Satúrnio



Barroco	Arcadismo
Esquiva da pastora Nise	Pseudônimos
Brevidade (inconstância) do amor	Bucolismo
Desencanto com a vida	Pastoralismo
Antíteses, hipérbatos (quartetos)	SVO (tercetos)

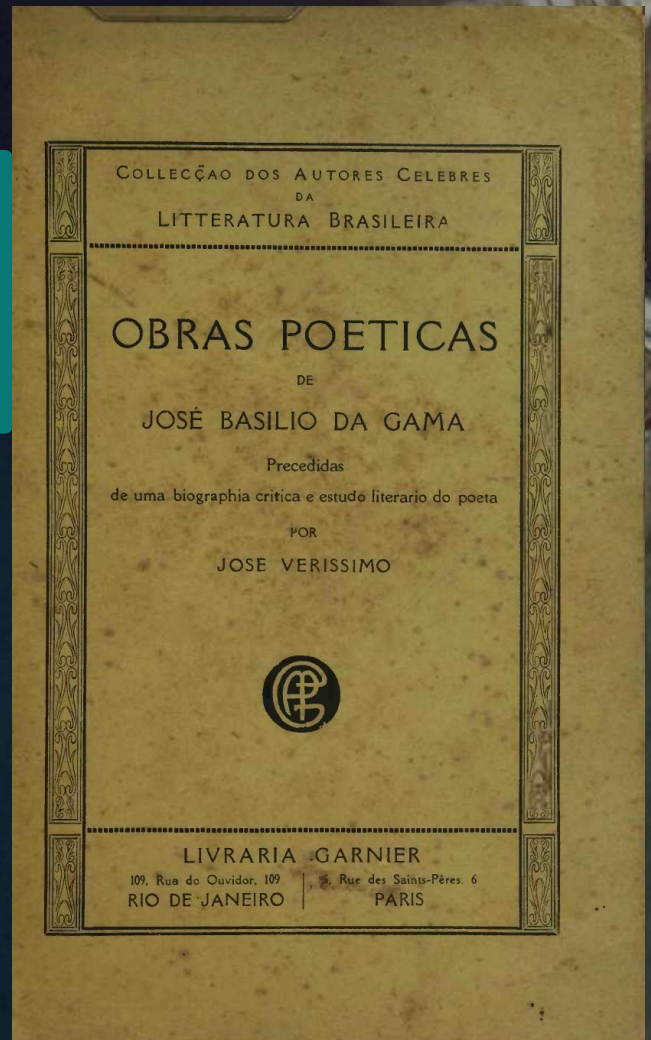
POESIA AMOROSA | PASTORIL

Cláudio Manuel da Costa

Pseud.: Glauceste Satúrnio

DESTAQUE

***Obras poéticas* (1768)**


COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

OBRAS POETICAS
DE
JOSÉ BASILIO DA GAMA
Precedidas
de uma biographia critica e estudo literario do poeta
POR
JOSE VERISSIMO

LIVRARIA GARNIER
109, Rua do Ouvidor, 109 — RIO DE JANEIRO
6, Rue des Saints-Pères, 6 — PARIS

Nativismo

valorização da cor local
(penedos, penhas, montanhas,
montes, e o Ribeirão do Carmo,
o Pátrio Rio)



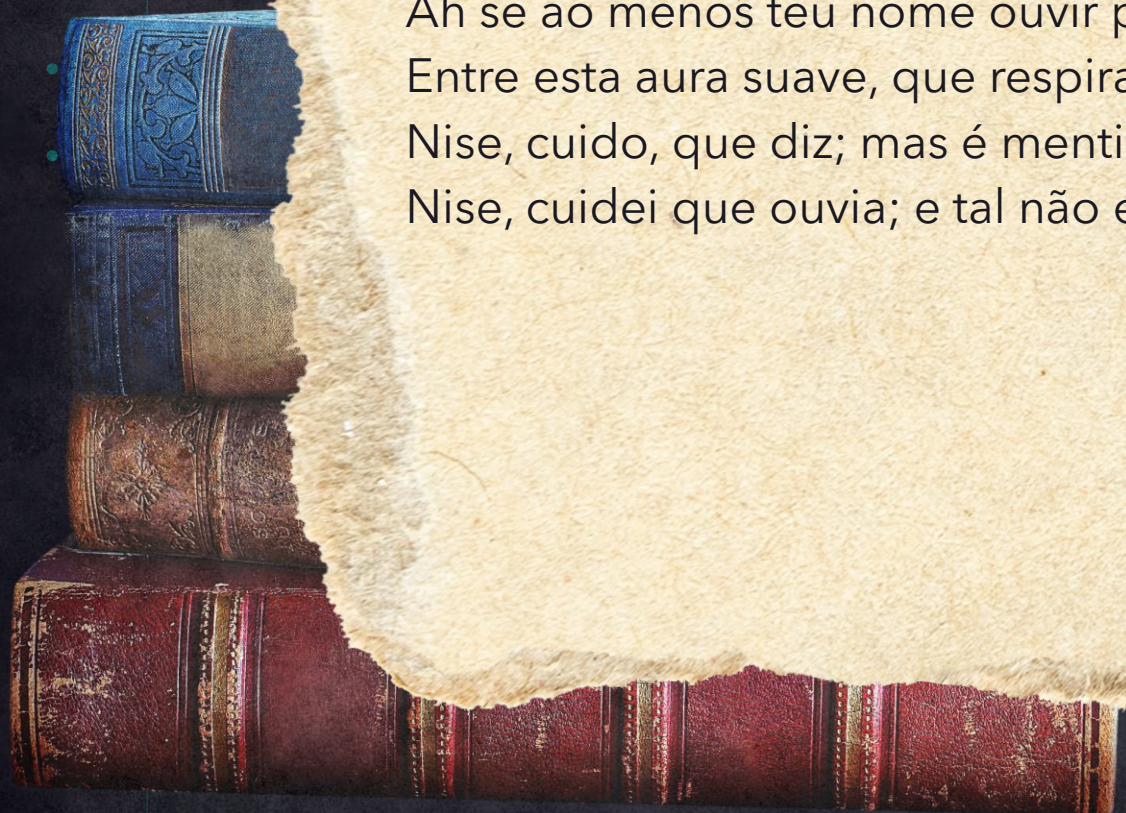
SONETO XIII

"Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah se ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave, que respira!
Nise, cuido, que diz; mas é mentira.
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meu bem, se a minha alma em vós
[se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
Ah como é certa a minha desventura!
Nise? Nise? Onde estás? Aonde? Aonde?"



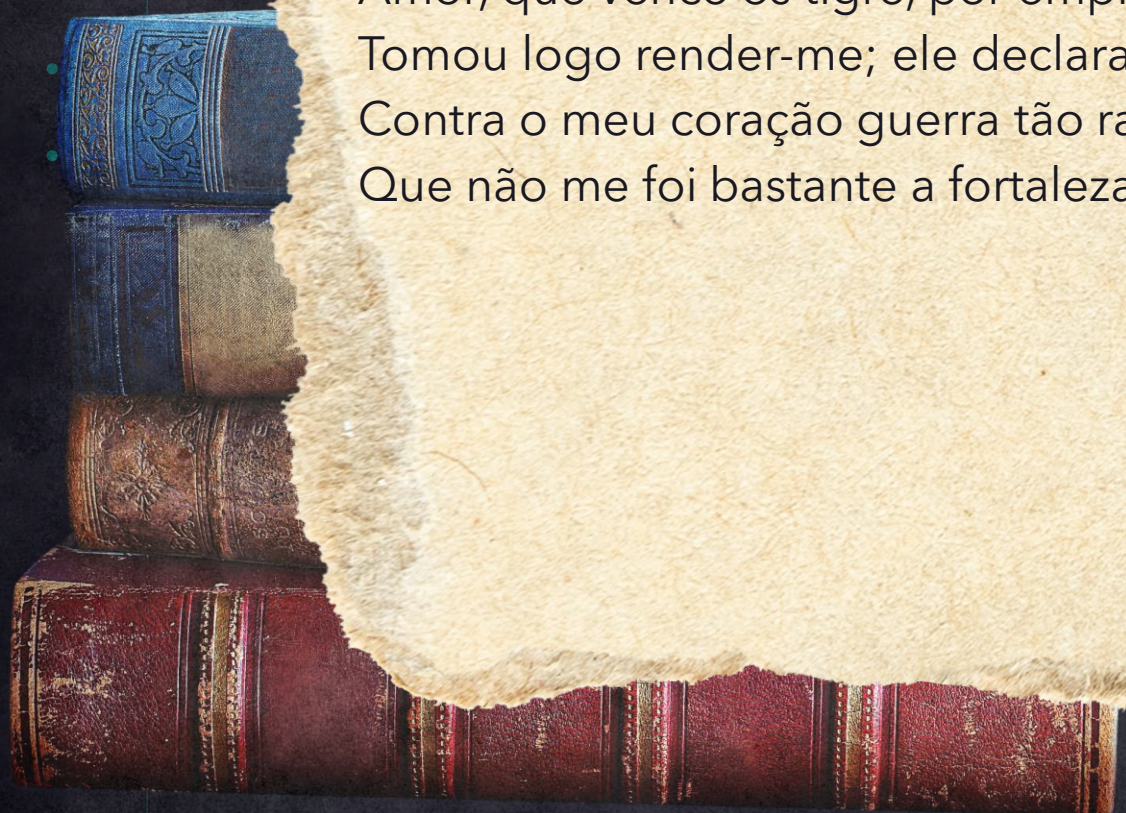
SONETO XCVIII

"Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh quem cuidara,
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigre, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o
[dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura."



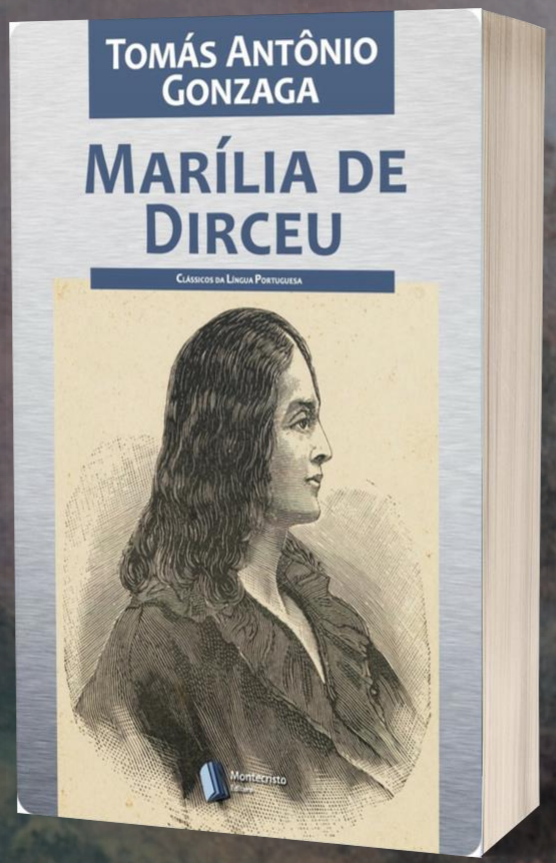
Tomás Antônio Gonzaga

Pseudônimo: Dirceu

DESTAQUE

Marília de Dirceu

Obra composta de 3 partes



PARTE I - 1792

Marília de Dirceu

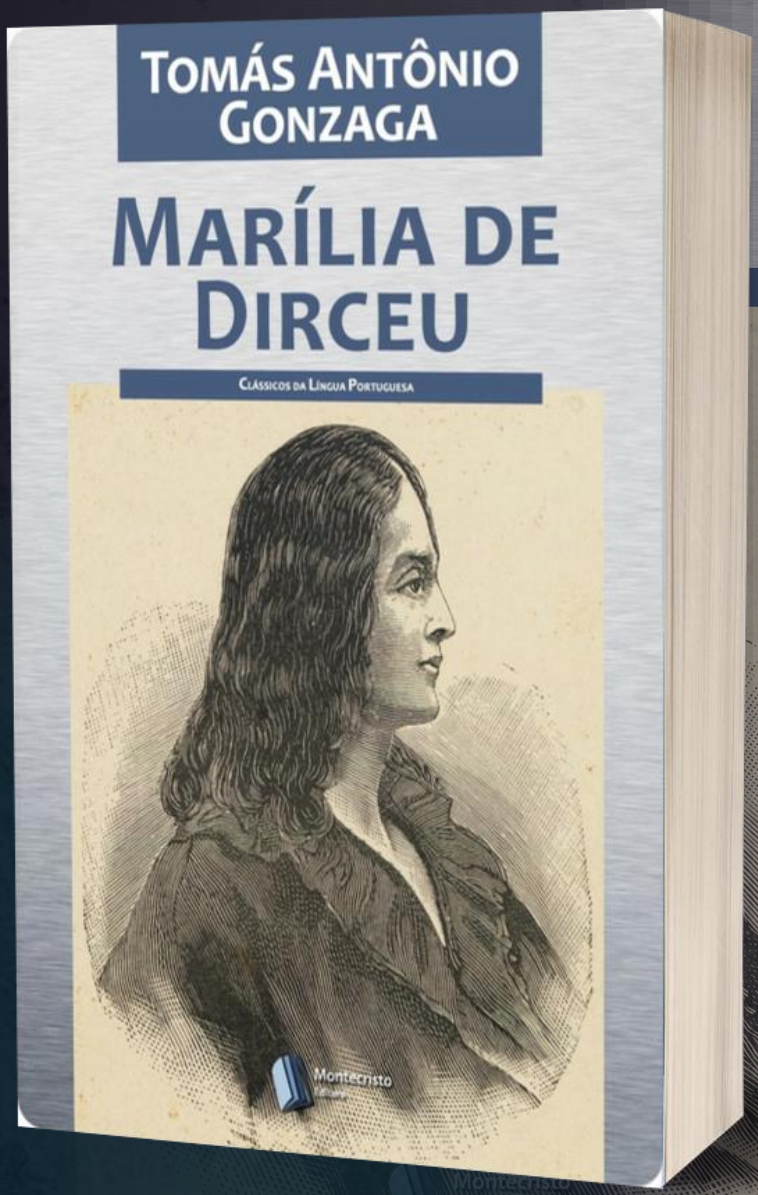
Teor autobiográfico
(liras escritas em Vila Rica à época do namoro)

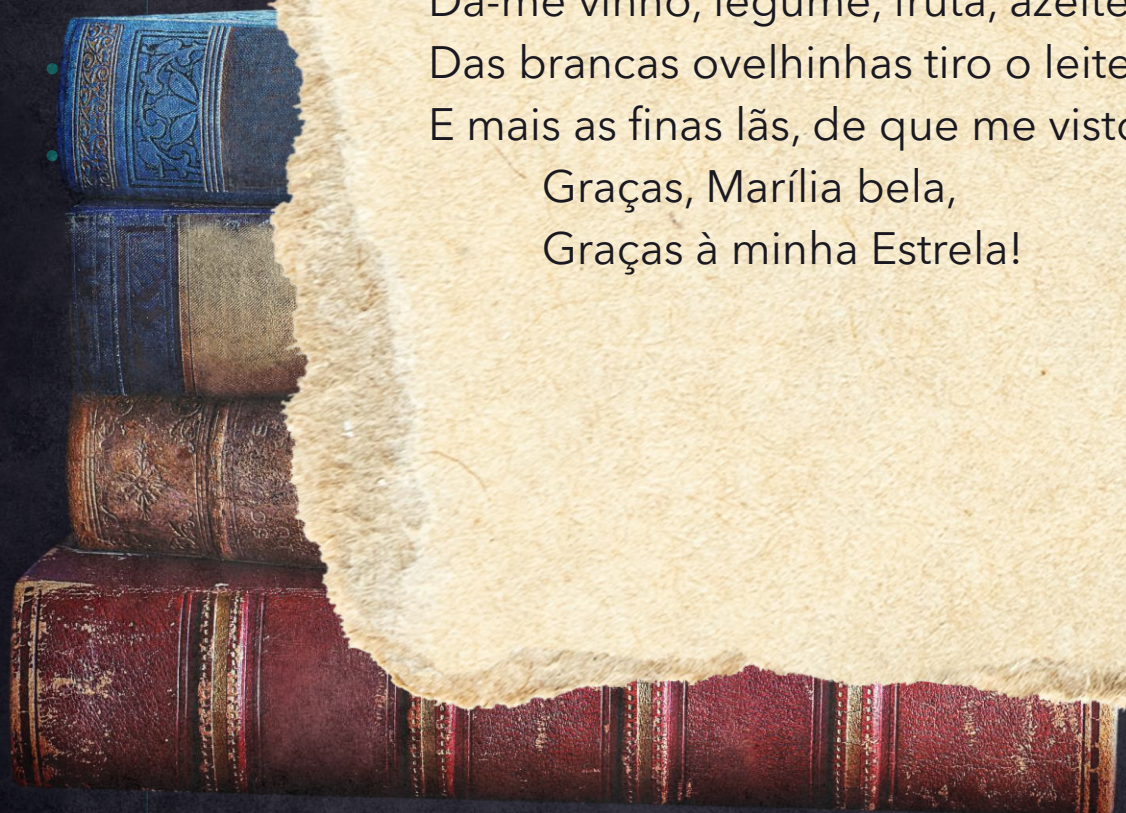
Cor local ligada ao ciclo do ouro

Estrutura de diálogo monologado

Odes à Marília

Grande convencionalismo árcade





LIRA I

"Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal*, e nele assisto*;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Vocabulário:

***Casal*:** sítio;

***Assisto*:** trabalho.



LIRA I

Mas tendo tantos dotes da ventura*,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula*, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos* vapora.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela! [...]"

Vocabulário:

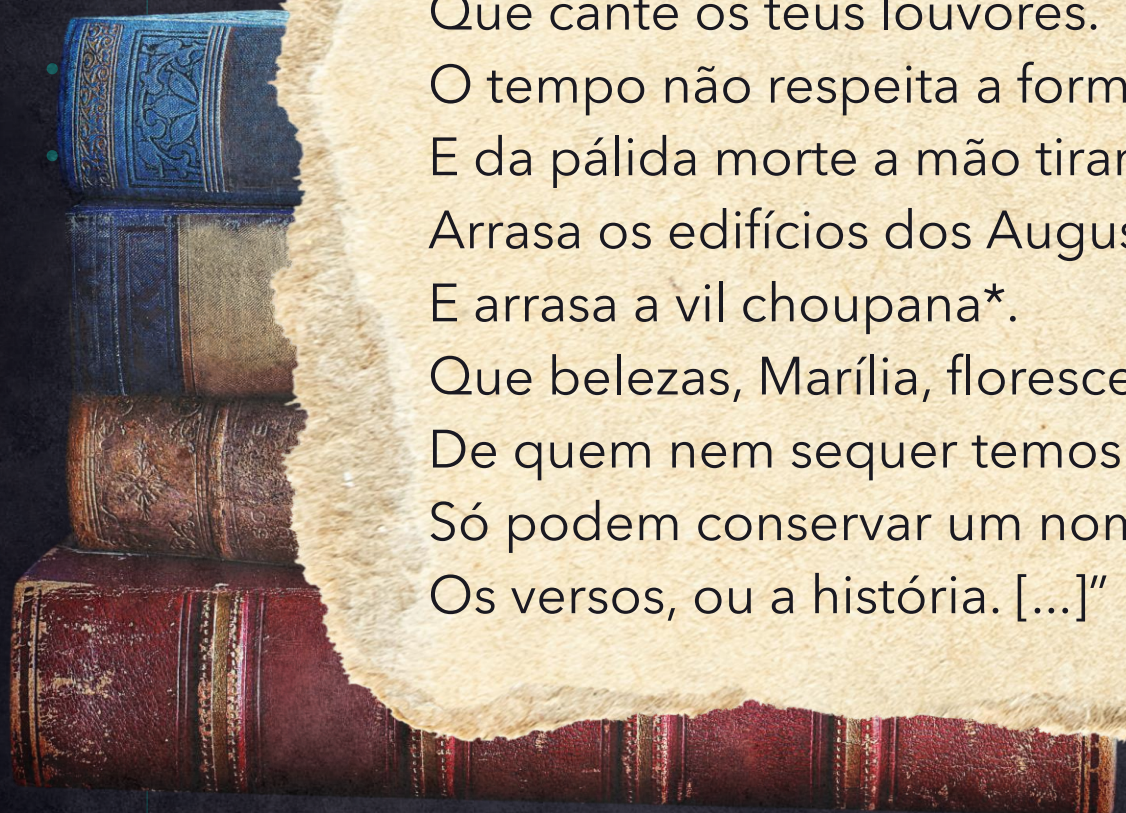
***Ventura*:** destino, sorte;

Papoula: flor que pode ser branca, rosa, arroxeada ou vermelha. No caso, Gonzaga sugere ser vermelha, de modo a metaforizar a vergonha que a pastora sente ao ser cortejada;

***Bálsamo*:** perfume ou aroma agradável. No sentido figurado, denota sensação de alívio; conforto, lenitivo.

LIRA XXII

"Tu não habitarás palácios grandes,
Nem andarás no coches voadores*;
Porém terás um Vate*, que te preze,
Que cante os teus louvores.
O tempo não respeita a formosura;
E da pálida morte a mão tirana
Arrasa os edifícios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana*.
Que belezas, Marília, floresceram,
De quem nem sequer temos a memória!
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a história. [...]"



Vocabulário:

***Coches voadores*:** carruagens rápidas;

***Vate*:** poeta ou profeta, vidente;

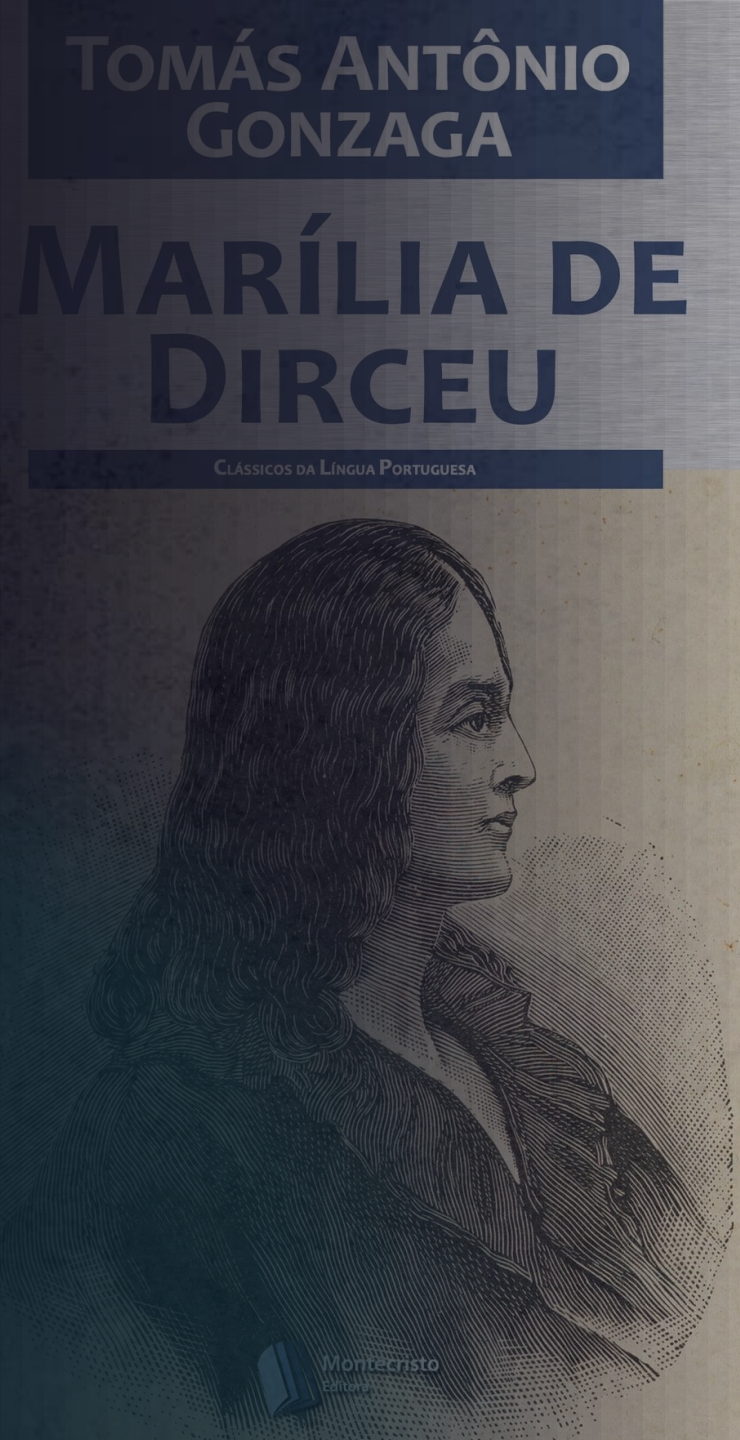
***Vil choupana*:** casa simples.

PARTE II - 1799

Marília de Dirceu

Liras escritas na prisão da Ilha das Cobras (RJ)

Cor local política e econômica de Minas Gerais do final do séc. XVIII: Inconfidência Mineira



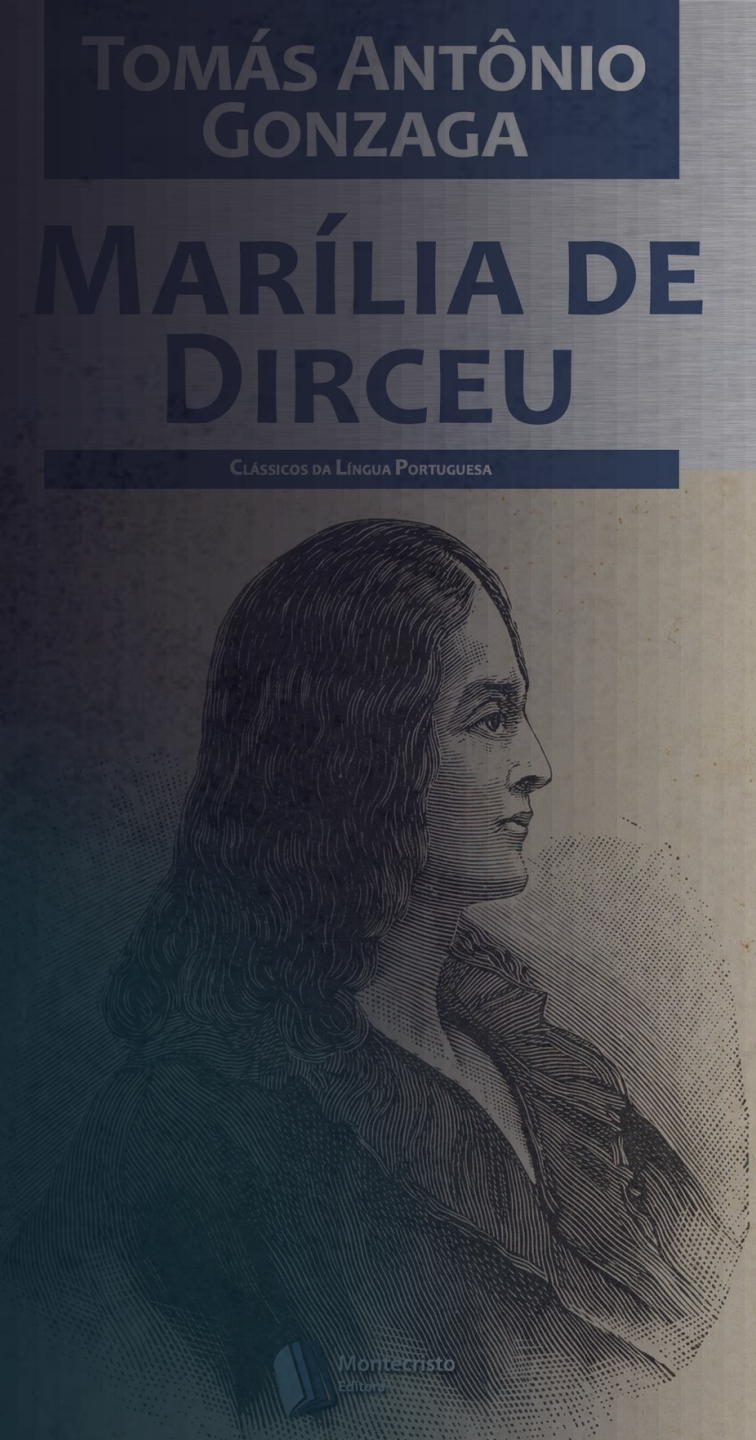
PARTE II - 1799

Marília de Dirceu

Sentimento de inconformismo do sujeito lírico:

Se diz injustiçado, embora mostre momentos de esperança

Tom desesperançado, soturno e sombrio

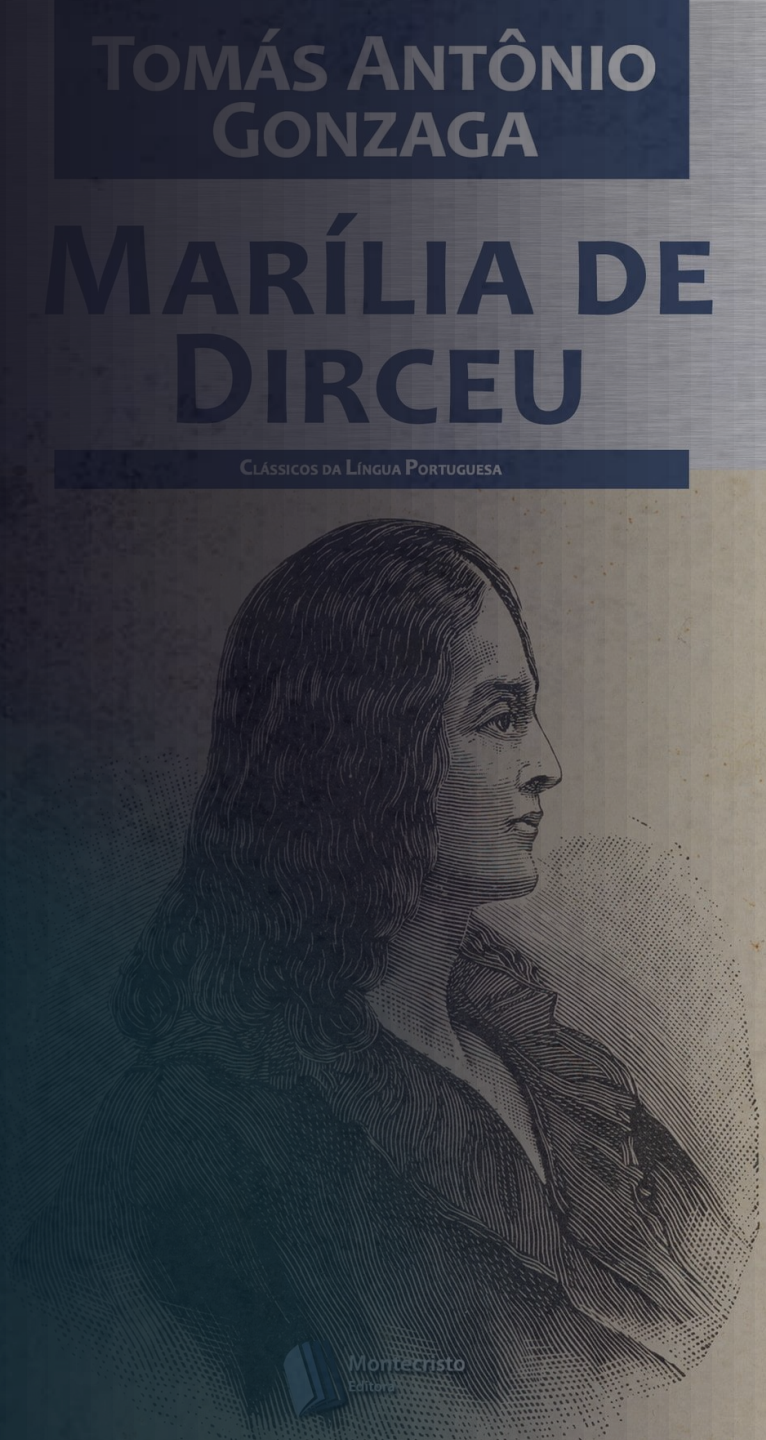


PARTE II - 1799

Marília de Dirceu

Poesia confessional e de tonalidades intimistas:

Pré-Romantismo



Lira XV

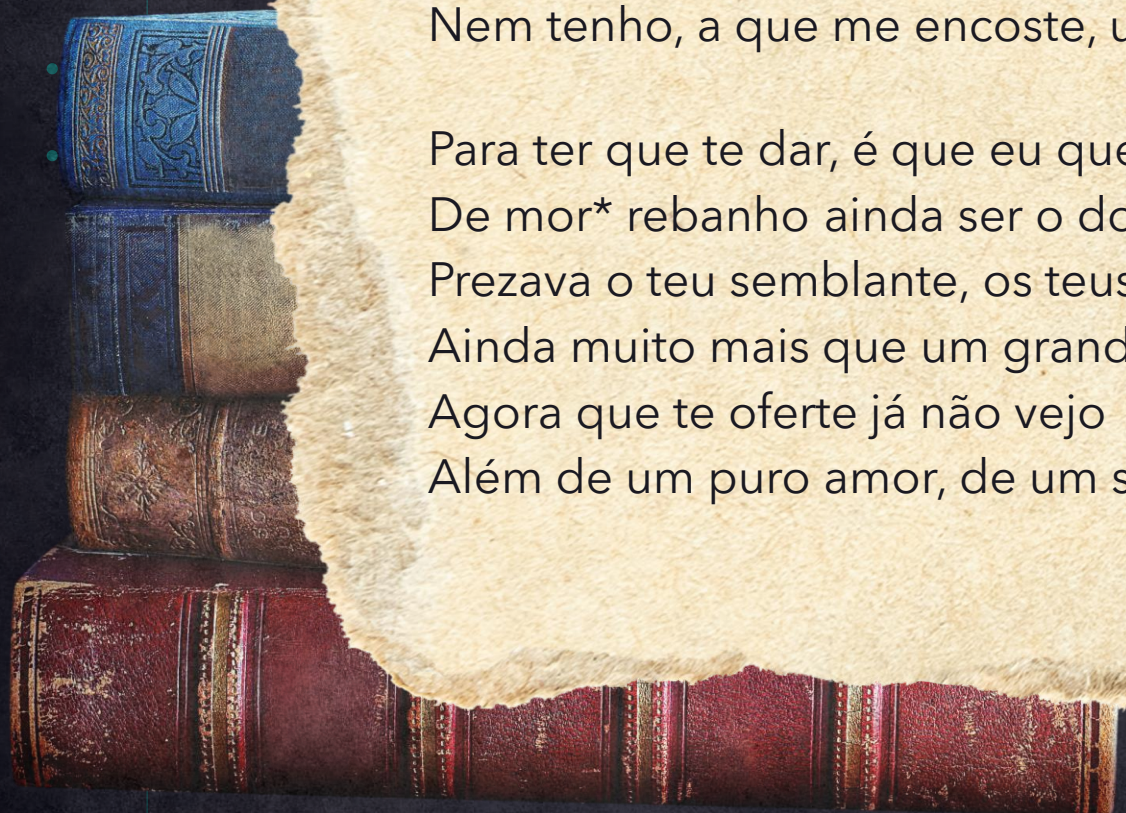
"Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,
Fui honrado Pastor da tua aldeia;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça* do preciso cheia.
Tiraram-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria
De mor* rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabelos
Ainda muito mais que um grande Trono.
Agora que te oferte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo. [...]"

Vocabulário:

***Choça*:** casa simples, choupana;

***Mor*:** maior.

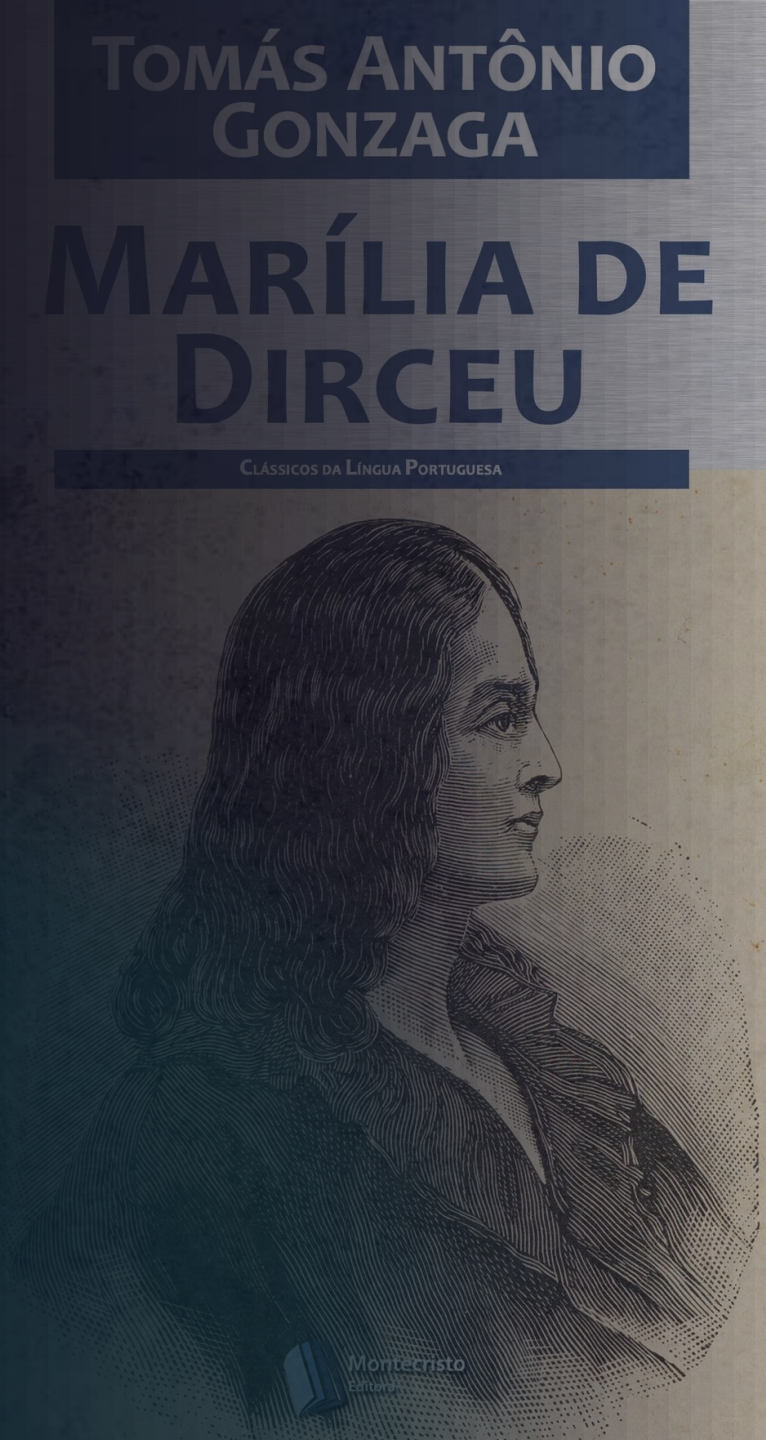


PARTE III - 1812

Marília de Dirceu

Versos da juventude do poeta

Variedade temática e formal:
odes, sonetos, liras





LIRA III

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras* ainda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar o grão nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes* de enredados feitos*;
Ver-me-ás folhear os grandes livros
E decidir os pleitos*.

Enquanto revolver os meus consultos*
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fatos da sábia mestra História,
E os cantos da poesia [...]"

Vocabulário:

***Capoeira*:** zona de mata fechada;

***Altos volumes*:** autos dos processos judiciais, livros;

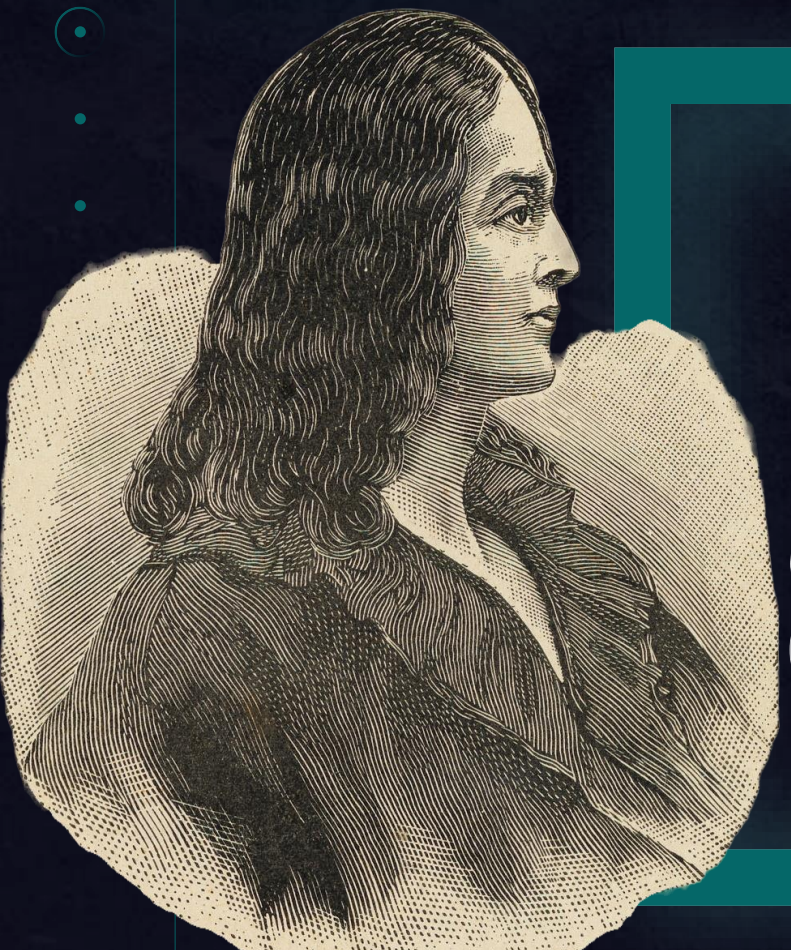
***Enredados feitos*:** processos judiciais complexos;

***Pleito*:** demanda, litígio;

***Consultos*:** autos dos processos judiciais, livros.

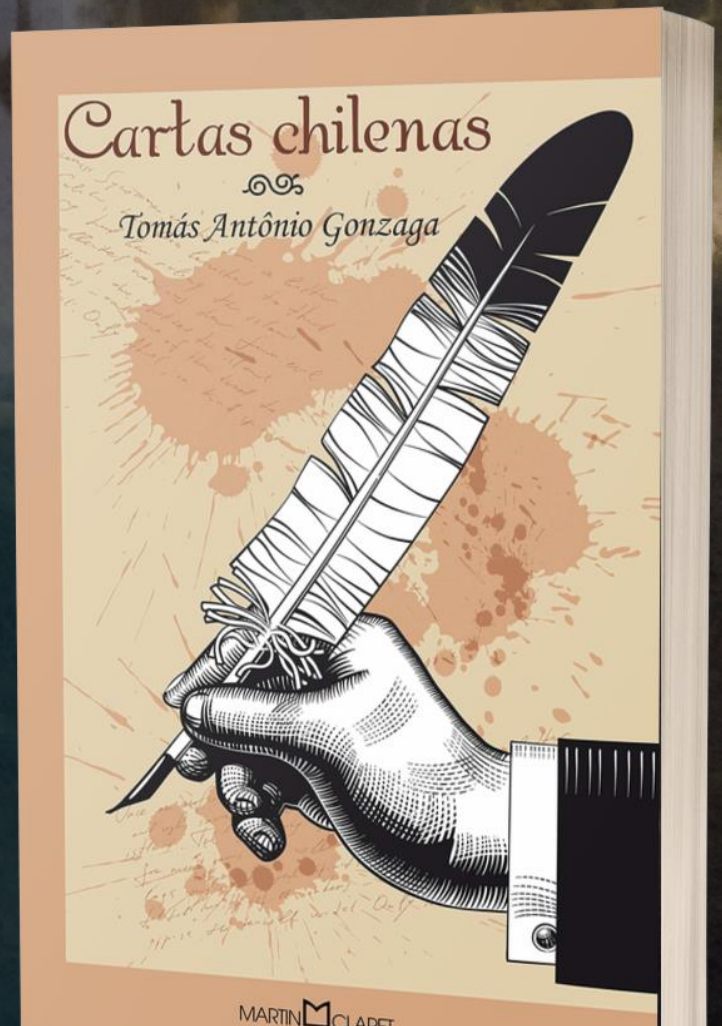
POESIA SATÍRICO-POLÍTICA

Tomás Antônio Gonzaga



Cartas chilenas

(1783-1788)



POESIA SATÍRICO-POLÍTICA

Tomás Antônio Gonzaga

Critilo

Santiago-CHI

Doroteu

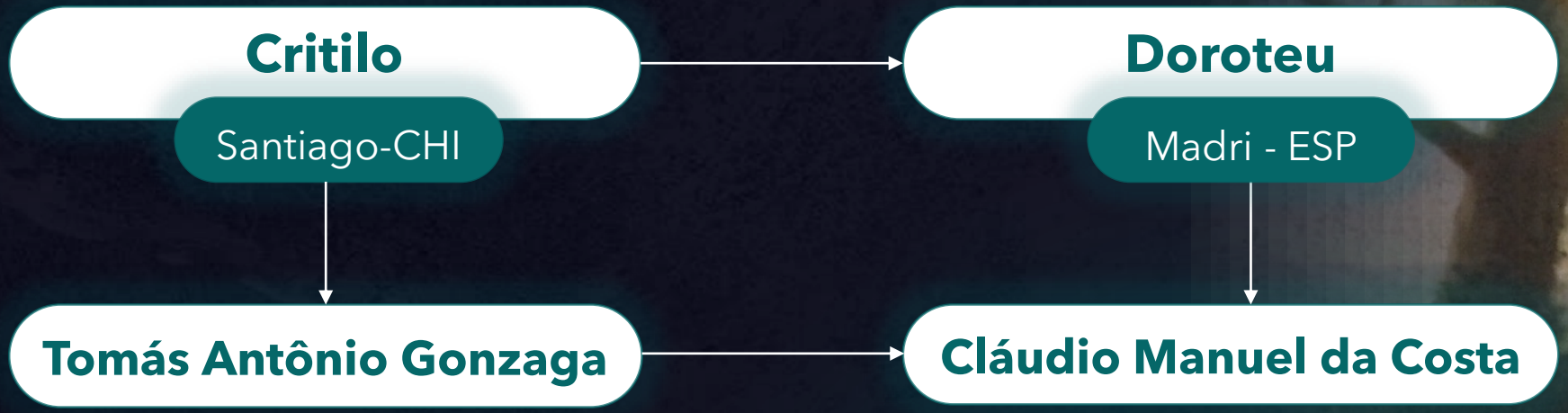
Madri - ESP

Tomás Antônio Gonzaga

Cláudio Manuel da Costa

POESIA SATÍRICO-POLÍTICA

Tomás Antônio Gonzaga



POESIA SATÍRICO-POLÍTICA

Tomás Antônio Gonzaga

Santiago-CHI

Madri - ESP

Tomás Antônio Gonzaga

Crítica Fanfarrão Minésio por sua tirania e velhacaria

Luís da Cunha Meneses

(Gov. de Vila Rica-MG)



Cartas Chilenas
(Carta 1ª.)

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile

Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha,
Acorda, se ouvir queres coisas raras.
"Que coisas, (tu dirás), que coisas podes
Contar que valham tanto, quanto vale
Dormir a noite fria em mole cama,
Quando salta a saraiva nos telhados
E quando o sudoeste e outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?"
(...)

Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
Por verdadeira história uma novela
Da classe das patranhas, que nos contam
Verbosos navegantes, que já deram
Ao globo deste mundo volta inteira.
Uma velha madrasta me persiga,
Uma mulher zelosa me atormente
E tenha um bando de gatunos filhos,
Que um chavo não me deixem, se este chefe
Não fez ainda mais do que eu refiro.
Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
Da sorte que o topei a vez primeira;
Nem esta digressão motiva tédio
Como aquelas que são dos fins alheias,
Que o gesto, mais o traje, nas pessoas
Faz o mesmo que fazem os letreiros
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
Que dão, do que eles tratam, boa ideia.